



## Homenagem à Professora Maria das Graças Ribeiro

Rita de Cássia Marques

### 1. Introdução

A Professora Maria das Graças Ribeiro foi uma das maiores entusiastas da criação da Rede de Museus da UFMG e sua segunda coordenadora. Esteve presente nas primeiras reuniões que levaram à criação da Rede de Museus, na qual sempre participou de forma ativa, propositiva, e ao mesmo tempo, serena. Era um conforto chegar às reuniões e encontrá-la com um sorriso aberto e confiante. Por onde andasse, divulgava a experiência da Rede de Museus, tinha orgulho do pioneirismo da UFMG. Estava sempre disponível para as atividades propostas em grupo. Em todos os eventos em conjunto – Semana da Ciência e da Tecnologia, Semana dos Museus, Domingo no Campus, UFMG Jovem, entre outros - lá estava ela com a equipe do Museu de Ciências Morfológicas (MCM). Sempre levava um grande grupo de colaboradores e ficava nos estantes trabalhando direto com o público e não apenas supervisionando. Além de toda disposição, ficava sempre com o semblante feliz, como se estivesse fazendo a melhor coisa do mundo, e estava!

Infelizmente, faleceu em 2015, após uma longa enfermidade, mas mesmo quando estava doente, continuou sonhando, planejando e administrando o MCM. Seria lamentável que uma publicação comemorativa da Rede de Museus da UFMG não contasse com sua história! Sua ausência seria imperdoável! Felizmente, era uma divulgadora nata, deixou relato de seus feitos em artigos e reportagens, nos quais é possível recuperar sua atuação como professora, fundadora e diretora do Museu de Ciências Morfológicas (MCM) e coordenadora da Rede de Museus. Assim, optamos por homenageá-la elaborando um texto que, na medida do possível, trouxesse suas ideias e seu envolvimento com os museus universitários, o MCM e a Rede de Museus da UFMG.

Vamos começar traçando a trajetória do MCM, pois é impossível falar da sua atuação na Rede de Museus sem entender o seu envolvimento com o Museu do ICB. No processo de construção e condução do MCM, estão as bases da sua relação com a Rede.



Foto 1: Maria das Graças Ribeiro, no Museu de Ciências Morfológicas, em 15/03/2011. CEDECOM. Sara Grunbaum

## 2. A professora que queria divulgar

Natural de Campos Gerais, cidade do sul de Minas Gerais, nasceu no dia 4 de abril de 1948, filha de João Francisco Ribeiro e Augusta Vilela Ribeiro. Maria das Graças Ribeiro gostava de ser professora! Antes mesmo de se formar em Ciências Biológicas, no ano de 1971, pela Faculdade de Ciências Integradas de Machado (FACIM), ela já dava aulas de Biologia em colégio e curso pré-vestibular na sua cidade e nas redondezas.

Seu primeiro contato com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi para fazer um curso de especialização em Metodologia do Ensino Superior (1977-1978). Seu desejo era ser uma boa professora. No ano seguinte, foi aprovada no mestrado de Morfologia, do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (ICB-UFMG). Concluiu o mestrado em 1981 e no ano seguinte, aprovada em concurso, tornou-se professora do Departamento de Morfologia do ICB/UFMG. O entusiasmo pelo ensino a fez cursar mais duas especializações: Ensino de Morfologia, em 1993 e Psicologia Educacional, em 1994. Em 2003, doutorou-se em Ciências da Saúde na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), também na área de Morfologia. Com a defesa do doutorado, foi aprovada também como pesquisadora, quesito importante para se firmar academicamente no ICB, o emblemático lugar de produzir ciência.

O ICB sempre foi marcado pela sua dupla função, ensino e pesquisa e o seu espaço, cheio de laboratórios, que eram reservados, majoritariamente, à comunidade acadêmica. O MCM foi fruto do seu investimento em ser uma boa professora e divulgar a ciência. As aulas dadas para diferentes públicos e os cursos de especialização convergiam para isso. A ideia era sempre levar a ciência para um público cada vez maior. Com objetivos

como esses, é certo que deveria expandir para além da pesquisa e se enveredar pelo campo também da Extensão e especialmente da divulgação científica.

Algumas das dificuldades encontradas para criar um museu no ambiente acadêmico foram comuns à trajetória de outros museus, centros de memória e documentação que hoje integram a Rede de Museus. Conseguir espaço, convencer os colegas da importância de uma atividade que levará um público diverso ao universitário, obter financiamento...

No caso do ICB, tudo começou com a criação do Laboratório de Pesquisa em Histologia Animal do Departamento de Morfologia, ao qual ela se vinculou, que pretendia atingir um público externo e diverso. Primeiramente, buscaram saber o que a comunidade externa esperava do ICB. Mesmo na contramão, o público foi ouvido e os dados computados. O resultado surpreendeu e “diante do número crescente e da diversidade de público e de interesses” e assim, o Laboratório resolveu propor um projeto de pesquisa no Departamento de Morfologia, considerando o estudo de público e viabilidade de se criar um espaço para tal, na UFMG. Pensar um museu – o Museu de Ciências Morfológicas – foi o resultado dessa consulta. A maioria do público consultado, independentemente da idade, níveis socioeconômicos e de escolaridade, desconhecia o organismo humano e isso incomodou. O museu foi um produto interdisciplinar e interinstitucional, divulgar um acervo de morfologia exigia a colaboração de diversas áreas do conhecimento.

Envolver-se com as demandas do público a fez aproximar-se de outros parceiros, que a acompanharam fielmente por muitos anos. Sua trajetória tornou-se, assim, diversa da maioria dos professores do ICB. O período que se seguiu até a inauguração do museu foi intenso! Ampliar o público com acesso às informações relativas ao corpo humano por meio de uma linguagem adequada, exigia um investimento na aproximação de um público majoritariamente escolar, dentro do ambiente universitário. A ideia de se criar um museu, catalisou muito do conhecimento já adquirido, mas exigia mais. O conhecimento sobre museus era necessário.

A diversidade de tipologia dos acervos da UFMG sempre trouxe desafios para quem se dispusesse a cuidar deles e tornou-se uma das preocupações da Rede de Museus. As dificuldades de criar um museu como o MCM estavam concentradas basicamente no seu acervo de peças morfológicas. As coleções de peças morfológicas sempre existiram como suporte para as aulas. Conhecidas por docentes e discentes dos cursos de saúde, contudo, não eram abertas ao público em geral. Para se tornar acervo de museus aberto ao público, muitas perguntas foram colocadas: como seria possível expor tal acervo? O que fazer para preservar a identificação das peças? Como as peças deveriam ser apresentadas? Perguntas difíceis à época que, para serem respondidas, precisavam contar com o apoio de um amplo programa de capacitação de pessoal para atender ao novo público: professores e estudantes do ensino fundamental e médio.

A equipe formada para atender ao público era composta por pesquisadores, professores, técnicos e estudantes. Além do grupo interno, uma equipe multiprofissional,

constituída por especialistas de várias universidades brasileiras, aderiu ao projeto de forma voluntária enquanto os recursos prometidos não vinham. Apesar de todas as dificuldades, recebeu importante financiamento da Fundação VITAE e foi inaugurado em 1997, atraindo um público ávido por conhecer o acervo, e em pouco tempo, era um dos museus mais visitados da UFMG, com uma média de 40.000 visitantes/ano.

A novidade de um museu como o MCM levava à necessidade de criatividade. Era preciso reflexão constante e busca de novos caminhos para preservar, financiar e divulgar as peças morfológicas para um público cada vez maior. Um dos mais bem sucedidos projetos, foi o Laboratório de Pesquisa e Educação Inclusiva, responsável pela exposição “Célula ao alcance das mãos”. A ideia surgiu em 1999, a partir da necessidade de um estudante deficiente visual, do curso de fisioterapia, que queria aproveitar as aulas de citologia e histologia geral, mas o material disponível no MCM era somente visual. Impossível tocar as peças anatômicas envolvidas no formol.

Provocada pela impossibilidade, mobilizou toda a sua dedicada equipe, contratou artistas para pensar o novo: a inclusão de deficientes visuais. Seu envolvimento com o tema da inclusão seguiu os passos de uma pesquisa científica, afinal, ela era uma cientista! Buscou a literatura sobre o tema, se aproximou de pessoas representativas do movimento em defesa dos deficientes, realizou enquetes junto ao público-alvo, definiu prioridades, elaborou projetos em busca de financiamento e aprovação da comunidade acadêmica, desenvolveu processo de trabalho e produtos inovadores. E, principalmente, fez muita divulgação científica em torno da necessidade de inclusão de novos públicos aos museus.

Acompanhei várias etapas do processo de tornar o acervo do MCM mais acessível! Vi todo o entusiasmo quando foi contemplada com recursos do BNDES, que permitiu a ampliação do espaço do MCM, dedicado exclusivamente à produção das peças. As novas peças foram amplamente discutidas, foram feitos vários protótipos, pesquisou-se os melhores materiais. Criar novas peças foi a solução. Sempre criar era a opção privilegiada da Profa. Maria das Graças. O público inicial seria de deficientes visuais, mas a equipe formada criou peças bonitas, coloridas e caprichadas. As 66 peças criadas se multiplicaram em coleções que, ao serem vendidas para outras instituições, também poderiam ser uma consistente forma de garantir a manutenção do MCM. Antes mesmo de ser lançada oficialmente, em 2005, a coleção já contava com mais de 30 pedidos de diversas instituições brasileiras.



Foto 2: Exposição Célula ao alcance da mão.  
Fonte: Cedecom Eber Faioli

A coleção “Célula ao Alcance da mão” foi um divisor de águas na história do MCM, a inovação da coleção ampliou o reconhecimento das ações do museu, impulsionou uma série de ações educativas para o público e de formação para os mediadores. Com essa coleção, foi possível a interação que não podia acontecer com as peças anatômicas, os visitantes podiam fazer exploração multissensorial e ambidestral de modelos didáticos - réplicas de estruturas e órgãos humanos. A abordagem mediadora aproximou o conhecimento da vida dos alunos pela interação. Os debates e oficinas ampliaram as informações, ressignificando a aprendizagem de ciências. Foram criadas muitas atividades de formação para professores do ensino fundamental e médio, que se sentiam despreparados e desatualizados. Ou seja, a função educativa e de divulgação do museu estava cada vez mais evidente. Era a prioridade.

### 3. A Rede de Museus

Por sua atuação destacada na criação e cuidado com o MCM, Maria das Graças foi chamada pelo então Pró-reitor de Extensão (1998-2006), Edson José Correa, para integrar o grupo que começou a discutir a possibilidade de os museus da UFMG trabalharem em conjunto. A ideia de uma rede de museus era novidade e Maria das Graças gostava de novidade. A sua participação na criação e montagem da Rede de Museus foi das mais expressivas. Embora o recém-criado MCM gozasse de maiores possibilidades de financiamentos, devido a sua proposta inovadora, ela não titubeou em integrar o projeto da Rede. Acreditava que um projeto coletivo de museus tinha maior chance de financiamento e desenvolvimento. Na Rede, junto aos grandes museus, estavam estruturas menores, como os centros de memória e de documentação, mas o trabalho em conjunto visava *somar esforços, otimizar recursos, buscar soluções para problemas*

*comuns, refletir, definir estratégias e planejar ações conjuntas, ampliar o intercâmbio com o público e agir de forma solidária, preservando a identidade, as características e a missão de cada espaço componente”.* (RIBEIRO, 2006, p.10)

No grupo que criou a Rede de Museus, Maria das Graças desempenhou diversas atividades. No início, em 2001, trabalhou muito próxima do Pró-Reitor de Extensão e da coordenadora Betânia Figueiredo, participando da elaboração da estrutura básica da Rede de Museus. Seu grande interesse era a formação de pessoal para os museus; entre 2001 e 2004, colaborou na iniciativa de um curso semipresencial na plataforma Moodle, para alunos bolsistas e funcionários dos espaços integrantes da Rede. Participou de seminários, discutiu problemas e procurou soluções para o grupo. Para além das iniciativas em grupo, todo bolsista selecionado para o MCM passava por curso introdutório, no qual aprendia a lidar com a especificidade do acervo e com o atendimento ao seu público.

Ao longo da primeira década deste século, as atividades em conjunto dos membros da Rede tornaram-se frequentes e Maria das Graças, com o seu MCM, sempre estava presente. Estar em grupo fortalecia a todos, pois as carências de alguns espaços eram minimizadas por estarem em grupo. Era sempre uma pequena mostra de todos. Uma excelente divulgação e oportunidade de todos estarem juntos. Um destaque dessa fase, foi a participação no Dia Internacional dos Museus, em 2004. O evento aconteceu na Serra da Piedade, onde funcionava o Observatório Astronômico da UFMG, que, à época, integrava a Rede. Pela primeira vez, os museus da Rede se apresentaram ao público como um grupo. Foram montados estandes onde estavam presentes professores, funcionários, bolsistas, estagiários e voluntários, todos uniformizados com um avental colorido com a logomarca da Rede. Os espaços ficaram lado a lado e a maior equipe era do MCM, pois Maria das Graças era uma das principais entusiastas desse tipo de iniciativa. Ficar o dia todo junto, vestidos com o mesmo avental, criou um senso de pertencimento, muito importante para ideia da Rede dar certo.



Foto 3: Profa. Maria das Graças Ribeiro (primeira à esquerda) e equipe do MCM, no primeiro evento coletivo da Rede de Museus, na Serra da Piedade. Dia Internacional dos Museus, 22/05/2004. Créditos: Rita de Cássia Marques

Depois desse Dia Internacional dos Museus, vieram outros eventos em conjunto. Os contatos de Maria das Graças com diversos personagens do âmbito da Ciência e Tecnologia e o sucesso do MCM abriram as portas para a participação da Rede de Museus em eventos como a Semana de Ciência e Tecnologia, uma grande ação de Divulgação Científica e Popularização da Ciência. Os muitos encontros e reuniões de preparação serviam não apenas para cuidar da organização, mas também para discutir possibilidades, pensar soluções em conjunto para enfrentar as adversidades dos lugares propostos para serem o cenário da ação de popularização. A Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia, seguindo orientação do Ministério de Ciência e Tecnologia, sempre propunha lugares onde era possível encontrar público grande e variado e divulgar a ciência para além do público acadêmico. Com isso, o MCM sempre estava presente em eventos itinerantes da Rede, era sempre o carro chefe dos eventos da Semana, seja na Rodoviária, no Parque Municipal, na Praça da Liberdade... Parecia aquela música do Milton Nascimento: *tudo artista tem de estar onde o povo está*.

O pioneirismo e a novidade Rede de Museus da UFMG despertaram a curiosidade e a UFMG começou a receber convites de várias universidades brasileiras para relatar sobre a nossa experiência de rede. A Graça muitas vezes funcionava como uma “embaixadora da Rede”, seu nome tornou-se referência com o MCM e esse prestígio foi muito bem capitalizado pela Rede. Além das palestras Brasil afora, foram muitos eventos onde a Rede foi divulgada, como, por exemplo, no **IV Science Centre World Congress**, que aconteceu no Rio de Janeiro em 2005. Foi a primeira viagem para fora de Minas Gerais dos representantes dos espaços da Rede, trabalhos foram apresentados, parcerias firmadas e o sentimento de união foi se consolidando.

Como coordenadora, envolveu-se em um projeto de divulgação dos espaços e ações da Rede, e assim, foi criado um catálogo sobre a Rede de Museus, que apresentava textos e fotos de cada um dos oito espaços que integravam a Rede em 2006. Esse material foi distribuído nos eventos e para visitantes, levando o nome da Rede para mais e mais pessoas.

No mesmo período em que coordenou a Rede de Museus, Maria das Graças também ocupava a coordenação do **Fórum Permanente de Museus Universitários**, e unindo as duas funções, promoveu, na UFMG, em 2006, o **IV Encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários** e o **II Simpósio de Museologia da UFMG**. Os eventos abordaram o tema *Museus Universitários - Ciência, Cultura e Promoção Social*, por meio de conferências, mesas-redondas e minicursos. O objetivo era promover o intercâmbio de experiência e de propostas políticas e operacionais para a atuação dos museus, tendo em vista suas diversas funções: produção de conhecimento, difusão e popularização da ciência e cultura, educação e promoção social. Para o **IV Encontro**, a Profa. Graças solicitou um levantamento dos museus universitários brasileiros, o que possibilitou a construção de um diagnóstico no evento. Na raiz do levantamento, estava, novamente, a ideia de rede onde a experiência partilhada pudesse levar a solução de problemas

semelhantes. Uma iniciativa muito útil num cenário de poucos recursos, fossem eles financeiros, de material ou pessoal. Além dos museus universitários nacionais, foram apresentadas experiências de museus universitários europeus e mexicanos.

A pretensão parecia alta, mas nada mais era que reproduzir em escala maior o que estava sendo feito com os museus da UFMG. Além de ser um evento acadêmico, foi também político, pois contou com a participação de dirigentes de museus públicos e privados, uma dirigente da UNESCO, o Secretário de Popularização e Difusão da Ciência e Tecnologia do Ministério de Ciência e Tecnologia, representantes do Ministério Público, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ou seja, foi um evento bastante prestigiado, concorrido e bem avaliado.

O evento foi também uma oportunidade para divulgar o acervo da Rede, por meio de uma exposição montada no saguão do prédio da reitoria, um espaço considerado nobre pela universidade. Embora composta de poucas peças de cada espaço, serviu para mostrar a diversidade e a riqueza dos acervos da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Tecnologia da UFMG. Esse também foi o momento da inauguração do Laboratório de Educação do MCM-ICB, já mencionado. A novidade das peças anatômicas foi divulgada junto a um público específico e bem interessado.



Foto 4- Descerramento da placa de inauguração do Laboratório de Pesquisa e Educação Inclusiva, no Museu de Ciências Morfológicas, em 25/07/2006., pelas Profas. Maria das Graças Ribeiro e a diretora do ICB, profa. Maria Cristina L. Castro. CEDECOM Eber Faioli

Embora a vinculação com os espaços de ciência fosse natural, considerando a origem dos membros - Museu de História Natural e Jardim Botânico, Museu de Ciências Morfológicas, Centro de Memória da Medicina, Observatório Astronômico, Centro de Referência Cartografia de Minas Gerais e os Centros de Memória da Medicina, Enfermagem e Engenharia – a Rede não abarcava todas as possibilidades de espaços e acervos

existentes na UFMG. No período em que Maria das Graças Ribeiro foi coordenadora, entre 2005-2006, ela defendeu a entrada dos espaços artísticos e culturais na Rede. Houve polêmica, mas, no fim, prevaleceu sua ideia de que a Rede precisava ser mais inclusiva.

Embora fosse discreta e, nos últimos anos de vida, lutasse contra um câncer, sempre esteve presente e com destaque nos eventos da Rede de Museus. Impressionante a disponibilidade que tinha para as atividades da Rede e de como transmitia isso para toda a equipe do MCM. Por várias vezes, se ofereceu para liderar, mediar, conversar, e principalmente, para trabalhar. Enquanto a Rede de Museus não teve uma sede, por várias vezes, o MCM funcionou como local de reuniões, eventos, guarda de documentos e equipamentos, e o que mais fosse preciso. A Rede de Museus sempre pôde contar com ela.

A Professora Maria das Graças Ribeiro faleceu em 13 de setembro de 2015. A Rede de Museus da UFMG tem muito a agradecer e deve sempre homenageá-la.

## Referência Bibliográfica

RIBEIRO, Maria das Graças, Possas, Helga Cristina G. **Rede de Museus e espaços de Ciência e tecnologia da UFMG**. Belo Horizonte, janeiro de 2006 (catálogo).



Foto 5 – Última foto registrando a parceria de longos anos: Rita de Cassia Marques (UFMG), Maria Cristina de Oliveira Bruno e Profa. Maria das Graças Ribeiro. s/d Crédito: Rita de Cássia Marques